

Dificuldade de aprendizagem e família

Construindo novas narrativas

Definir Dificuldade de Aprendizagem, como vimos, não é tarefa das mais simples. Muitas são as causas que concorrem para seu aparecimento e outras tantas são as formas como se manifestam. No entanto, algumas características são normalmente encontradas nas crianças ou jovens com este diagnóstico: dificuldade de raciocínio ou lentidão, dificuldade de simbolização, atraso no desenvolvimento cognitivo em comparação a crianças da mesma faixa etária, dificuldade de socialização, entre outros. E o que aparece mais evidentemente em decorrência destes fatores é o que denominamos de fracasso escolar.

A criança em idade escolar sabe que precisa ter sucesso nos estudos. Isso é exigido por seus pais, familiares, colegas, professores, pela sociedade como um todo. O sucesso opõe-se ao fracasso, e este implica num juízo de valor, num julgamento que deve corresponder a um ideal.

Esse ideal normalmente é ditado por valores familiares que são transmitidos de geração em geração. Há famílias de engenheiros, que se espera do filho mais velho que também o seja. Há famílias de advogados, de médicos ou de negociantes, onde o destino da criança já está selado nem bem ela nasceu. Pode-se observar aqui o papel dos mitos familiares que tentam a construção de uma realidade irrereal desejada para a continuação da história familiar.

Quando se atende uma família cuja queixa é a Dificuldade de Aprendizagem de um de seus membros, em geral um dos filhos, faz-se mister construir um espaço de escuta respeitosa, onde se possa observar o processo de um plano mais amplo.

Ao procurarmos entender a família como um todo, estaremos valorizando o aspecto de Globalidade do sistema, que difere do somatório das partes (teoria Geral dos Sistemas) e o aspecto de Reciprocidade, onde cada membro influencia e é influenciado pelo comportamento dos outros. Desta forma, poderemos nos aproximar daquelas questões familiares que interferem de maneira contundente no desenvolvimento da criança ou do jovem.

Quando um indivíduo nasce, ele não vem ao mundo como uma tela em branco mas sim, inserido numa história familiar que compreende várias gerações e recebe uma série de missões e projeções dos pais, avós e família extensiva (Bowen, 1978).

Se escolhêssemos reduzir a problemática humana a uma só palavra, esta seria separação, diz Groisman (1999). Pois o ser humano é gerado em uma união, gestado em união, mas para ser reconhecido em sua existência precisa separa-se. Eu ousaria dizer, que mais que separação, estamos falando de identidade, que só pode ser conseguida através do equilíbrio entre pertencimento e separação.

A pouca diferenciação entre os membros da família leva a uma confusão de papéis que provoca perturbações na estrutura hierárquica da família, com inversões nas quais os filhos se tornam "pai" e os pais se tornam "filhos", ou, são todos irmãos, sem haver uma divisão nítida de papéis. Quando a família nuclear não se separa o suficiente das respectivas famílias de origem, não estabelecem o que Minuchin chama de fronteiras geracionais, dificultando a diferenciação de seus membros. (Minuchin, opus cit.)

A criança com Dificuldade de Aprendizagem, que é o objeto de nosso estudo, está na maior parte das vezes situada numa família onde seu discurso não encontra um sentido. A ela, muitas vezes cabe a função de carregar o peso da história do grupo. Esta função pode ser demasiado difícil e ela não conseguir dar conta. E quando surgem os sintomas: notas baixas, falta de atenção, dificuldade ou lentidão de raciocínio. "Ele fica nas nuvens"; "Nunca traz as lições, seus cadernos estão incompletos"; "Não faz nada durante as aulas, parece que eu falo com as paredes"; comentam os professores.

Cada grupo familiar introduz expectativas e valores sobre como o filho deve ser, como deve se comportar e passa, mesmo sem o saber, os sonhos sobre a vida profissional futura da criança. Desde seu nascimento começam as profecias (acho que ele será um grande economista, como o avô), os mandatos (somos uma família de advogados, esperamos que ele siga a mesma profissão), as comparações (ele deve se esforçar para tirar notas boas como o irmão), as lealdades (meus pais são analfabetos, acho que também não preciso estudar muito) os segredos (minha mulher e eu achamos melhor não lhe falar nada sobre a adoção). Todas estas situações marcam profundamente o desenvolvimento futuro da criança impondo-lhe tarefas que estão em desarmonia com suas capacidades, aptidões ou mesmo desejos.

Para que uma criança aprenda é necessário que ela tenha o desejo de aprender. E que sobretudo o desejo dos pais a autorizem. Como diz Maud Mannoni, numa belíssima metáfora, "as crianças andam não só porque tem pernas mas porque seus pais assim o permitem."

Bowby (1993) afirma que a existência de uma criança com problema representa uma ruptura para os pais. As expectativas construídas em torno do filho normal tornam-se insustentáveis. Vistos como uma projeção dos pais, estes filhos representam a perda de sonhos e esperanças e a obrigatoriedade em lidar com

Elizabeth Polity - Psicopedagoga

as limitações fazem com que muitos pais se sintam despreparados para a tarefa que devem assumir. Assim, pode surgir um padrão rígido de comportamento, onde o tempo não pode passar, dando lugar a mecanismos constantes e repetitivos no intuito de manter o sistema paralisado e impedir que o grupo evolua de um estágio para outro.

No trabalho com as famílias, nos deparamos então com algumas questões: qual a relação da família na formação e manutenção do sintoma; qual a função do sintoma para este grupo familiar?; o que este sintoma quer dizer?; quais as pessoas implicadas? E ainda, com relação à aprendizagem: o que a família aprende?; como ela se relaciona com o saber?; como a família lida com as dificuldades que surgem no aprender?; e sobretudo, porque não aprender é significativo para este grupo, em particular?

Ao pesquisar e construir junto com a família sua história em relação ao saber, contribuímos no processo facilitador para que cada membro recontasse seu percurso, descrevendo os fatos à sua maneira, e sobretudo a significação destes para a vida do sujeito. Ao elaborar narrativas sobre seu movimento no Ciclo Vital, a família pode resgatar um pouco da sua história, onde o sintoma passou a ser descrito como tendo um sentido neste sistema.

Embora ainda não tenha mencionado, quero ressaltar a importância do profissional que acompanha a criança e sua família (professor, psicopedagogo, terapeuta) como co-responsável por essa realidade que observa. Estando implicado no sistema e colaborando para a construção da realidade que descreve.

Fonte: <http://www.pedagogobrasil.com.br/pedagogia/dificuldadedeaprendizagem.htm>

Elizabeth Polity é Psicopedagoga, Terapeuta de Família, Mestre em Educação e Doutora em Psicologia; ex-Diretora da Assoc. Bras. de Psicopedagogia, Dir. da Assoc. Paulista de Terapia Familiar, Coordenadora do CEOAFE, Professora-formadora do Instituto de Sistemas Humanos, Diretora do Colégio Winnicott - SP

Nesta Edição:

- ▶ **Família: uma permanente construção**
por Tereza Nunes (Pág 03)
- ▶ **A difícil relação entre pais e escola**
por Rosely Sayão (Pág. 04)

Criando & Recreando Polichinelo



Fonte: Alda Quinella. Vamos Reaproveitar. SEBRAE, 2002.

O que você precisa:

- Embalagens de presente de várias cores;
- 4 colchetes para papel
- Régua, lápis, tesoura e cola;
- Cartolina rosa claro.
- Linha e agulha grossa;

Como fazer:

- Desenhe o polichinelo no avesso da embalagem e corte todas as partes (perna, braço, corpo/cabeça).
- Recorte também as mãos e o rosto de cartolina rosa.
- Recorte os botões, acabamentos dos punhos e sapatos coloridos para enfeitar.
- Faça oito furos de acordo com a figura e ponha os colchetes prendendo os braços e pernas no corpo.
- Passe uma linha nos braços e outra nas pernas para fazer o movimento.
- Ponha uma linha no chapéu para segurar o polichinelo quando puxar as linhas para movimentá-lo.

Você poderá adaptar este molde para confeccionar marionetes representativas dos membros da família.

sugestões de leitura



Ainda existe a cadeira do papai?

Como as famílias constroem a participação masculina no mundo dos afetos na esfera doméstica? A paternidade é hoje mais um desejo do que uma obrigação? Essas e muitas outras questões são tratadas no decorrer deste livro, organizado por Elizabeth Polity, Marcia Zalcmán Setton e

Sandra Fedullo Colombo.

Esse livro nos leva, através da sensibilidade das autoras a nos enxergar diante de um espelho, onde se reflete o outro (família, pai), a visão que temos desse outro e os nossos próprios pais internalizados, ou melhor, as relações das quais eles fazem parte.

Vetor Editora.



Com grande sensibilidade, Gladis Brun conseguiu, através das experiências pessoais em núcleos familiares desfeitos e refeitos, observações de caráter universal que a levaram a compor **Pais, Filhos & Cia. Ilimitada**, que se apresenta como resultado da vivência de quem soube respeitar as diferenças, superar os preconceitos e compreender que não há caminhos prontos para quem busca a felicidade. Editora Record

Nesse momento de transformações que a humanidade está vivendo, criar os filhos passa a ser uma descoberta de si mesmo. Cada um, ao reavaliar seus objetivos de vida, vai encontrar as respostas a partir da evolução dos relacionamentos afetivos.

O psiquiatra Roberto Shinyashiki, em seu estilo poético, simples e direto, apresenta em **Pais e Filhos - Companheiros de Viagem** uma abordagem a respeito da educação dos filhos. Nova? Moderna? Talvez, mas acima de tudo questionadora das posturas até hoje utilizadas. Uma visão que propõe a busca de relações mais profundas e significativas.

Pais e filhos: aprendizes no desvendar dos mistérios da vida. Companheiros de viagem. Ed. Gente



PSICOPEDAGOGIA: Um enfoque sistêmico

convida o leitor a uma compreensão das dificuldades de aprendizagem dentro de um contexto relacional mais amplo, que engloba a família, a escola, os terapeutas e a rede social na qual estão inseridos.

Os textos que compõem esta obra propõem a reconstrução do significado de aprender/não aprender, permitindo redimensioná-lo numa abordagem conjunta e em corresponsabilidade com todos os envolvidos no processo ensino/aprendizagem.

Organização: Elizabeth Polity, Vetor Editora.



COMPETÊNCIA E DEDICAÇÃO

• Educação Infantil

• Ensino Fundamental

• Ensino Médio

...pois o sonho de todo pai é ver o filho crescer, e ele sabe que cada uma de suas escolhas se converterá em decisivo

Unidade Bebedouro

(82) 3241.6856

Unidade Farol

(82) 3241.1372

Unidade Tabuleiro

(82) 3314.1957

Família: uma permanente construção

adaptação do texto de Tereza Nunes

Todos temos família, faz diferença SER família. Ser família implica escolha, projeto, compromisso. Ao estruturarmos uma família, é preciso que seja celebrado um pacto, no qual se explicita os valores que permearão as relações interpessoais desse grupo em permanente construção, ou seja, um projeto em comum.

Os pais, como modelos a serem assimilados e reproduzidos pelos filhos, necessitam de uma estrutura de equilíbrio, para que possam responder com competência às demandas de sua paternidade, que, por sua vez, será desenvolvida no dia-a-dia, exercitando com os filhos a premissa de que a criança é o pai do homem. São os filhos que nos ensinam a ser pais, porque antes de tê-los éramos tão somente filhos. Nessa aprendizagem diária é que se constroem e se solidificam as relações familiares.

Não há receitas para ser pais, há sentimentos e valores de pais. Assim, querer filhos, amar aos filhos, sentir prazer com sua presença, comunicar-se com seus filhos, ser VERDADEIRO com eles são valores fundamentais nesta promissora construção. O fundamental é compartilhar, é ser transparente nos sentimentos, é ser presente na atuação, cultivando valores

essenciais à vida e distinguindo os acessórios: os essenciais fortalecem os laços de família, os acessórios os diluem.

É preciso também que se supere a condição de pai para além do provedor e seja resgatada sua função afetiva, sexual, moral, intelectual, pela relação de intimidade, aconchego e segurança essencial a cada filho e à mulher-companheira. Como sociedade, estamos imersos em um caos anárquico, violento e extremamente desintegrador. Nesse contexto, a família funciona como o grande agente de prevenção e saúde para a integridade dos indivíduos. O espaço pertinente à família é tão próprio que nenhuma outra instituição poderá suprir com eficácia as suas lacunas. Para as crianças e adolescentes, o não contato sistemático com os pais gera um vazio de dimensão imensurável e muitas das dificuldades dessas crianças e adolescentes são permeadas pela síndrome desse vazio.

Os pais são as referências de segurança e apoio em todo caminho do homem pela vida. É indispensável, portanto, que, na agenda familiar, pais e filhos preservem o tempo para sentir, para ser, para estar, pois, quanto mais sólida e consistente a nossa vivência em família, mais instrumentalizados estaremos diante da vida. O exercício da autoridade

como fator de crescimento e independência supõe respeito às diferenças individuais, reflexão, justiça e amor. É preciso consistência, permanente intervenção, para que se desenvolva a autonomia e a auto-disciplina, levando a criança à grande meta do homem maduro - lidar produtivamente com as frustrações, aceitar limites, SER LIVRE, SER FELIZ. Aqui, na culminância desse projeto, olhamos para baixo e para trás e encontramos a família. AMAR TAMBÉM É PRECISO.

Fonte: <http://www.colegiomotivo.com.br>

Tereza Nunes é Psicóloga do Departamento de Psicologia do Colégio Motivo - Recife/PE.



Da esq. p/ direita: Ana Mª Galvão, Aida Mª Cansanção, Eliane Calheiros Cansanção e Salviane Marinho Tenório.

levar o educador a refletir sobre a importância do jogo como instrumento de aprendizagem, levando em consideração os aspectos lógicos e relacionais envolvidos.



Participantes realizando jogos com blocos lógicos e cartas de memória.



Aconteceu...

EM MACEIÓ:

Nos dias 13 e 14 de maio a Oficina de Jogos Lógicos Matemáticos - O Jogo na Aprendizagem, ministrado pela facilitadora Ana Maria S. Galvão Castro. O evento, organizado pelo GESPPMA, teve como objetivo

EM SÃO PAULO:

A III Jornada Paulista de Terapia Familiar, de 07 a 09 de julho, onde o GESPPMA foi representado por Eliane Calheiros Cansanção e Salviane Tenório Marinho. Durante o evento, os participantes puderam assistir a palestras de diversos psicólogos especialistas em terapia familiar, dentre eles: Gladis Brun, Sandra Fedullo Colombo e Elizabeth Polity (Pres. da Associação Paulista de Terapia Familiar).



Fotos (de cima para baixo):

1. Salviane Tenório e Eliane Cansanção
2. Gladis Brun e Elizabeth Polity
3. Eliane Cansanção, Elizabeth Polity e Salviane Tenório.

Interessantes...

Nesta edição, onde destacamos a importância da família no aprendizado/desenvolvimento da criança, sugerimos sites com ótimos conteúdos para enriquecer ainda mais nossas observações.

- www.aptf.org.br (Associação Paulista de Terapia Familiar)
- www.abratef.org.br (Associação Brasileira de Terapia Familiar)
- www.ibdfam.com.br (Instituto Brasileiro de Direito de Família)
- www.cidade.usp.br (Cidade do conhecimento)

VISITE NOSSO BLOG: www.pop.com.br/popblog/gesppma

Nele você encontrará alguns dos textos publicados no **Informativo Psicopedagógico** na íntegra, além de outras publicações que disponibilizaremos como suplemento ao nosso periódico.

Expediente:

Informativo Psicopedagógico

Uma publicação do GESPPMA - Grupo de Estudos de Psicopedagogia de Macaé/AL
Responsáveis: Eliane C. Cansanção e Salviane Marinho Tenório

Diagramação: Emmy Matias

Tiragem: 200 exemplares

Edição: Bimestral (Jul-Ago/05)

Informações: (82) 3223.4258

Sites

A difícil relação entre pais e escola

Rosely Sayão

A relação pouco amistosa entre pais e escolas chegou a um ponto insustentável. Nas mais diferentes regiões do país, professores, coordenadores, orientadores e diretores das escolas, principalmente das privadas, estão com receio das reações dos pais a seu trabalho no espaço escolar. Por sua vez, os pais estão em estado de alerta a respeito da atuação da escola que escolheram para seus filhos. Essa é uma situação complexa e bastante delicada, dados os seus efeitos sobre a educação das crianças e dos jovens.

Nos últimos 40 anos, pais e escolas têm procurado uma aproximação cada vez maior. O objetivo? Uma vida escolar mais produtiva. Ocorre que, nesse mesmo tempo, o mundo mudou muito (o estilo de vida, a família, a concepção da educação escolar) e as primeiras intenções desse convívio mais próximo entre pais e professores foi por água abaixo. A chamada parceria entre pais e escola transformou-se em rivalidade, desconfiança e acusações mútuas - e o que temos hoje é um relacionamento hostil e até agressivo. É claro que é preciso considerar que isso diz respeito à maneira geral como essa relação ocorre.

O fato é que essa relação tão próxima confundiu pais e educadores. A escola, pouco a pouco, assumiu um perfil quase familiar, e os pais, pouco a pouco, se colocaram no papel de auxiliares do ensino escolar.

Paralelamente a esse processo, ocorreu um fenômeno social importante: a educação escolar passou para a lista de bens de consumo e, nesse caminho, os pais dos alunos passaram a ser tratados e a se reconhecerem

como consumidores ou clientes. E aí a coisa ficou feia. Quem compra um produto quer ficar satisfeito e quer ter razão.

No cotidiano escolar, isso toma a forma de constantes pedidos e exigências dos pais, tais como mudanças de turma, atrasos justificados, lições mais ou menos extensas, atenções especiais, discordâncias relativas a metodologias etc. Chegamos ao cúmulo de pais exigirem a demissão de profissionais que eles julgam incompetentes para o cargo que ocupam.

A escola não deixa por menos. Chama os pais para reclamar do comportamento de seus alunos, solicita o encaminhamento a tratamentos, aponta dificuldades familiares que prejudicam o aprendizado, queixa-se da falta de valores da família etc. Chegamos a ponto de professores julgarem os pais incompetentes para exercer sua função.

Como passa, já há algum tempo, por uma crise séria, a escola de capital privado foi cedendo a muitos pedidos dos pais na tentativa de manter seus alunos. E os pais, acolhidos inicialmente em suas demandas, muitas vezes totalmente desproporcionadas, dado o contexto escolar, foram elevando suas exigências e solicitações. E chegamos aonde estamos.

E agora? Agora, escola e pais precisam se dar uma trégua, já que temos constatado que esse tipo de relação não tem funcionado. Sabem por quê? Em primeiro lugar, quando o filho percebe que os pais não confiam na escola em que ele estuda, não se deixa educar pelos profissionais que lá trabalham. Quando ele se dá conta de que tem os pais por trás para protegê-lo de aprender a viver como aluno, ele permanece

no lugar de filho mesmo quando está lá na escola. Não aprende a se cuidar, a enfrentar situações difíceis nem a criar um jeito próprio de se relacionar respeitosamente com colegas e com adultos de fora da família.

Vida escolar significa também aprender a viver coletivamente, a enfrentar injustiças e a, corajosamente, denunciá-las, a conviver com situações nem sempre agradáveis, a se frustrar por não conseguir o que queria, a sofrer por ser apenas mais um entre tantos.

Para isso, os pais precisam se afastar um pouco dos filhos quando a questão é a escola. As escolas falham? Sim, mas os pais podem apontar esses equívocos de outro modo. O mais importante é lembrar que a escola perfeita não existe. Afinal, ela é uma representação do mundo, não é?

ROSELY SAYÃO é psicóloga, autora de "Como educar meu filho?", da Editora Publifolha. Fonte: Folha de S. Paulo, Folhaequilíbrio, 09/07/2005

Cursos 2005

Participe dos Grupos de estudo

- Psicanálise e psicopedagogia
- Inclusão escolar
- Desenvolvimento da criança e do adolescente

Dirigido a: professores, psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais da área de saúde e educação.

Coordenação: **Eliane C. Cansanção**

Periodicidade: Encontros quinzenais, durante 1 ano, das 19h às 21h, em dia a ser combinado pelo grupo.

Informações: Rua Virgínia de Campos, 242 Farol - Maceió/AL
Tel.: (82) 3223.4258 / 3336.4135 - (falar com Sandra)

VAGAS LIMITADAS

Curso de Especialização em Psicopedagogia (Institucional e Clínica) - Turma D

INÍCIO DO CURSO: 23 de setembro de 2005

PÚBLICO ALVO:

Graduados em Pedagogia, Psicologia, Fonoaudiologia e outros profissionais que atuem nas áreas de Educação e Saúde.

INSCRIÇÕES E MATRÍCULAS:

Secretaria do Centro Universitário de Formação de Profissionais de Educação - SISE
Prédio do antigo Colégio Guido Farol, das 14h às 17h e das 18h às 22h.

INVESTIMENTO: 22 parcelas de R\$223,00 (duzentos e vinte e três reais)



R2 Consultoria & Negócios Ltda.
3326.2112 / 8812.0056 / 9983.9364

CESMAC - ASPPE - CISE

PROGRAME-SE!

No mês de outubro, o GESPpMA estará promovendo o **I Encontro de Psicopedagogia de Maceió**, que terá como tema: **Da Família à Escola**, e contará com a participação da psicopedagoga **Elizabeth Polity**. Aguarde!

[Mais informações pelos tels.: (82) 3223.4258]

"Se vivemos pelo futuro e se, em seu nome, olhamos com ternura nossos filhos, é porque acreditamos que pensamentos melhores substituirão aqueles com os quais convivemos até agora."

(Celso Antunes)